



PUBLICAÇÃO: 21/12/2017



## Como as comunidades usam uma abordagem participativa de saúde pública para construir resiliência? Projeto de resiliência de desastres da comunidade do condado de Los Angeles

Este relatório descreve o avanço dos princípios de **resiliência da comunidade** (CR) através de métodos participativos da comunidade na iniciativa de **Resiliência de Desastres Comunitários do Condado de Los Angeles** (LACCCR). LACCCR, uma iniciativa liderada pelo Departamento de Saúde Pública do Condado de Los Angeles com parceiros acadêmicos, randomizou 16 coligações comunitárias para implementar uma abordagem de **Preparação Padrão Avançado ou Resiliência Comunitária** ao longo de 24 meses. Facilitado por uma enfermeira de saúde pública ou educador comunitário, coalizões constituídas por agências governamentais, organizações focadas na comunidade e membros da comunidade. Os pesquisadores utilizaram a análise temática de dados de grupos focais ( $n = 5$ ) e entrevistas ( $n = 6$  membros da coalizão,  $n = 16$  facilitadores) para comparar estratégias de coalizão para operacionalizar as alavancas de mudança de comunidade (compromisso, parceria,

O relatório conclui que as estratégias que incluíram aprendizagem bidirecional ajudaram as coalizões a entender e a adotar princípios de **resiliência**. As estratégias que operacionalizaram as alavancas de **resiliência da comunidade** em formas de reforço mútuo (por exemplo, disseminação de informações e fortalecimento de parcerias) também garantiram o compromisso com os princípios de resiliência. Ele analisa desafios e sucessos adicionais na obtenção de colaboração intersectorial e envolvimento de grupos de risco nas coligações de **resiliência versus preparação**. O exemplo da LACCCR pode informar as estratégias de aceitação e implementação da **resiliência da comunidade** e a aceitação do conceito e dos métodos de **resiliência**.

FONTE: <http://www.mdpi.com/1660-4601/14/10/1267>

## Comunidades que respondem a catástrofes: Planejamento de voluntários espontâneos

FONTE : [INSTITUTO AUSTRALIANO DE RESILIÊNCIA A DESASTRES \(AIDR\)](#)

Este manual descreve os princípios acordados a nível nacional no planejamento de voluntários espontâneos em desastres na Austrália. Ele fornece orientação sobre o planejamento e o apoio às comunidades que respondem a catástrofes, fornecendo orientação geral sobre formas de incorporar os princípios em planos e atividades. O manual reconhece o importante papel que os voluntários espontâneos podem desempenhar em emergências e desastres.

O manual é mais provável de ser usado por pessoas que administram voluntários espontâneos e desenvolvem políticas, capacidades, planos de gerenciamento de emergência e outros documentos nas suas próprias jurisdições, agências, organizações e comunidades que incorporam algum aspecto do gerenciamento de voluntários espontâneos. O manual também pode ser de valor para educadores, planejadores e outros nos setores empresarial e privado que fornecem suporte para comunidades afetadas por desastres.

FONTE: [https://knowledge.aidr.org.au/media/4855/aidr\\_handbook12\\_v6\\_webcopy01\\_181217.pdf](https://knowledge.aidr.org.au/media/4855/aidr_handbook12_v6_webcopy01_181217.pdf)



## Planejamento da resposta comunitária

**Sua comunidade, sua resposta.**

O planejamento da resposta da comunidade ajuda as comunidades a entender como elas podem se ajudar após um desastre. Os resultados das oficinas são registrados nos Guias do Centro de Emergência da Comunidade para essa comunidade. <https://getprepared.nz/my-community/>

### Construindo resiliência

O plano é desenvolvido por representantes de agências interessadas e organizações dentro da comunidade, que formam um grupo de trabalho com o objetivo de completar e manter o plano. O processo de desenvolvimento do plano pode ser facilitado por um Consultor de Gerenciamento de Emergência.

Experiências de todo o mundo mostram que as comunidades que melhoram as catástrofes são aquelas que já têm um histórico de trabalho em conjunto. Essas comunidades formaram redes de relacionamentos fortes, conhecem-se e compreendem como colaborar e trabalhar em conjunto, estão conscientes dos pontos fortes, habilidades e recursos dentro de sua comunidade e são sensíveis às áreas de potencial vulnerabilidade. Isso faz com que uma comunidade vibrante e ativa no dia a dia, com capacidade latente de se apoiar em tempos de estresse.

Nossas comunidades são constituídas por empresas, organizações, grupos, clubes e famílias. Todos eles têm os recursos que eles usam diariamente. Estes recursos serão úteis durante uma emergência. Compartilhar o conhecimento do que e quem é na nossa comunidade aumenta as oportunidades de ideias para florescer, tornando nossas comunidades melhores agora e fornecendo soluções durante a resposta a um desastre.

O estoque de recursos especiais apenas para um desastre é dispendioso e requer manutenção. A experiência mostrou que, apesar das boas intenções daqueles inicialmente configurá-los, à medida que os anos passam e as emergências derivam de um foco atual, esses caches tornam-se o fardo de um número bem-significado e logo ficam mal mantidos como energia e interesse. Os recursos que são usados todos os dias fornecem um recurso consideravelmente mais sustentável e apropriado para uma emergência.

O foco da maioria das organizações progressivas de gestão de emergências em todo o mundo está mudando para a construção de capital social; o valor das conexões entre todos na comunidade.

O Departamento de Gerenciamento de Emergência da Região de Wellington auxilia as comunidades na construção de **resiliência** quando uma comunidade gerou seu próprio interesse e entusiasmo para investir em algum trabalho localizado.

O Escritório de Gerenciamento de Emergência da Região de Wellington facilita uma série de oficinas que ajudam nossas comunidades a entender seus riscos e como eles podem se ajudar antes, durante e após um desastre; estabelecendo a expectativa de que as pessoas se apropriem e se ajudem mutuamente, em vez de esperar por assistência oficial durante uma emergência.

O objetivo do programa é duplo; capacitar nossas comunidades para apoiarem-se mutuamente durante uma emergência e procure maneiras de promover mais relacionamentos dentro da comunidade, o que, por sua vez, cria **resiliência**.

Ao identificar pontos fortes, vulnerabilidades, recursos e soluções importantes na localidade, as atividades facilitadas também destacam o que dá à comunidade o seu senso de caráter. Isso contribuiu para projetos de visão comunitária de vários residentes e associações empresariais para uso em seus empreendimentos.

Para promover relacionamentos, as atividades do workshop levam a identificar projetos locais voltados para a comunidade (não necessariamente diretamente

relacionados a **emergências ou resiliência**) que os locais tenham interesse e energia para acontecer na e para a comunidade, reunindo pessoas no processo.

Participar

Este programa só é bem sucedido se for baseado em um interesse genuíno existente impulsionado pela comunidade local. Gostaríamos de colaborar com uma série de grupos locais e pessoas interessadas, organizando o evento e incentivando seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho a se envolverem.

Se você gostaria de fazer parte de um processo de planejamento de resposta dirigido pela comunidade, entre em contato.

FONTE:<https://wremo.nz/about-us/initiatives/community-response-planning/>



## **Pronto ou não? Protegendo a saúde pública das doenças, desastres e bioterrorismo**

Este relatório examina a capacidade dos Estados Unidos de responder às emergências de saúde pública, acompanha o progresso e as vulnerabilidades remanescentes e o retrocesso de alguns avanços anteriores devido a cortes orçamentais. Inclui uma revisão dos problemas estaduais e federais de segurança da saúde pública e oferece recomendações.

A Seção 1 **apresenta 10 indicadores de áreas-chave em cada estado que juntos fornecem um instantâneo das áreas de segurança da saúde**. Refletindo uma ampla definição de preparação para todos os perigos, eles avaliam a capacidade de responder a uma ampla gama de crises, de surtos de doenças infecciosas a catástrofes naturais a ataques causados pelo homem.

A Seção 2 é um exame das questões de políticas nacionais e recomendações de especialistas em saúde e segurança sobre como melhorar a capacidade da nação de garantir capacidades de linha de base mais fortes e o sistema é mais flexível e capaz de responder de forma eficiente e efetiva quando emergem novas emergências.

FONTE:<http://healthyamericans.org/assets/files/TFAH-2017-ReadyOrNot%20FINAL.pdf>



# Empoderar comunidades para agir em um desastre pode salvar vidas

Artigo: [Charlotte Graham](#)

## Mas a um custo

2017 viu partes dos Estados Unidos no domínio dos incêndios selvagens e furacões - muitos que os funcionários da Agência Federal de Gerenciamento de Emergência (FEMA) dos EUA foram avisados de que eles poderiam ter seu pagamento ancorado por trabalhar demais .



As conseqüências do furacão Katrina. Crédito: Wikimedia Commons

O ano das catástrofes naturais recordativas significa que, nos EUA, como na Nova Zelândia, há uma conversa sobre a melhor forma de administrar o setor de gestão de emergências e quais as filosofias que mais se comprometem e protegem as comunidades em caso de crise. Quanto da responsabilidade da segurança de uma comunidade em um desastre natural é do governo e quanto pode ser deixado para a própria comunidade? E como garantir que nenhum dos nossos residentes mais vulneráveis seja deixado para trás?

Aqui na Nova Zelândia, pesquisas e entrevistas realizadas durante todo o ano de 2017 mostram uma **mudança na filosofia que dirige a Defesa Civil na Nova Zelândia**. Onde os modelos de cima para baixo, de comando e controle costumavam ser a norma, alguns conselhos em torno da Nova Zelândia estão agora incentivando as comunidades

a construir **resiliência** antes de um desastre e a identificar suas forças, fraquezas e potenciais líderes locais, em vez de esperar a cavalaria para montar e cuidar deles quando inundações, terremotos, incêndios ou tsunamis atingem.

Enquanto a nível nacional, o Ministério da Defesa Civil e Gestão de Emergências diz que existe um imperativo legislativo desde 2002 para que os conselhos defendam o planejamento comunitário, os conselhos me disseram que, na prática, a mudança de mentalidade é um desenvolvimento bastante recente (um O trabalhador de gerenciamento de emergências me disse que era bastante normal em qualquer setor que a política demorasse algum tempo a fluir para o que realmente acontece).

Desde os terremotos de Christchurch, mas em particular nos últimos anos, alguns conselhos da Nova Zelândia decidiram ir all-in em modelos de planejamento dirigidos pela comunidade. Empoderar uma comunidade para liderar em um desastre ainda é uma abordagem experimental, e é necessário mais trabalho para envolver alguns grupos desprotegidos, especialmente pessoas que não falam inglês e aqueles que não estão conectados digitalmente de qualquer maneira, incluindo muitos da comunidade dos sem-teto.

Você pode descobrir mais sobre o problema em um recurso que escrevi para a Nova Zelândia Geográfica, com o apoio da Fundação Scoop para o Jornalismo de Interesse Público. Está na edição de janeiro / fevereiro de 2018, agora disponível, e também está disponível on-line . <https://www.nzgeo.com/stories/%C2%AD%C2%ADready-or-not/>

Nos Estados Unidos, Daniel Homsey é o Diretor, **Resiliência** de Vizinhança para a Cidade e Condado de São Francisco, que é uma das cidades pioneiras no planejamento dirigido pela comunidade nos EUA. Ele trabalhou em estreita colaboração com o seu homólogo em Wellington, Dan Neely no Wellington Regional Emergency Management Office (WREMO) para desenvolver esquemas que capacitam comunidades a liderar em uma crise.



As conseqüências do furacão Katrina. Crédito: Wikimedia Commons

Nesta entrevista, ele fala sobre as terríveis cenas de catástrofes naturais nos últimos anos, onde as pessoas mais vulneráveis foram deixadas à sua disposição em uma crise e, devido às desigualdades existentes, ficaram pior do que o resto da população. E ele aborda como o planejamento comunitário de desastres naturais em comunidades que não confiam nas autoridades, ou que não se sentem como desastres naturais são uma prioridade dada a escala dos desafios relacionados à pobreza que eles enfrentam todos os dias.

ESCUTA À AUDIO ENTREVISTA: resiliência da comunidade em desastres naturais:

Daniel Homsey e Charlotte Graham

[http://img.scoop.co.nz/media/audio/1712/Community\\_resilience\\_in\\_natural\\_disasters\\_Daniel\\_Homsey\\_and\\_Charlotte\\_Graham.mp3](http://img.scoop.co.nz/media/audio/1712/Community_resilience_in_natural_disasters_Daniel_Homsey_and_Charlotte_Graham.mp3)

Clique em um link para reproduzir áudio (ou clique com o botão direito do mouse para fazer o download) no [formato MP3](#) .

[http://img.scoop.co.nz/media/audio/1712/Community\\_resilience\\_in\\_natural\\_disasters\\_Daniel\\_Homsey\\_and\\_Charlotte\\_Graham.mp3](http://img.scoop.co.nz/media/audio/1712/Community_resilience_in_natural_disasters_Daniel_Homsey_and_Charlotte_Graham.mp3)



O quadro da Defesa Civil da Nova Zelândia é atualmente objeto de uma revisão ministerial, com os resultados que devem ser lançados qualquer dia. Houve uma sugestão do novo ministro da Defesa Civil, Kris Faafoi, de que o foco de qualquer nova abordagem será o aproveitamento de voluntários para o setor e que os dias de centralização da resposta de emergência desapareceram. <https://www.newsroom.co.nz/2017/12/05/65593/volunteer-push-likely-after-civil-defence-review>

Daniel Homsey, em São Francisco, acolheu tal mudança para um planejamento mais orientado pela comunidade, mas advertiu que falharia se não tivesse recursos e recursos adequados. Perguntei-lhe o que o governo precisaria ter em mente.

"Quando você olha para a comunidade de gerenciamento de emergências, você precisa reconhecer que eles têm um foco muito importante na resposta. Eles não têm pessoal para envolver comunidades pré-evento, por anos por vez, e fazer com que eles participem de planejamento comunitário, desenvolvimento comunitário e todos esses outros exercícios.

"Na minha equipe, passamos todo o nosso tempo facilitando reuniões, gerando relatórios e coletando dados; É um verdadeiro exercício de desenvolvimento comunitário. Muitos primeiros respondentes não treinaram para isso quando estavam sendo treinados no que eles faziam. Então, você precisa reconhecer que, se você conseguir um programa como este, basta descartar essa responsabilidade em seu gerente de emergência médio, que já está tendo dificuldade em atender às expectativas que podem ser definidas para o clássico de cima para baixo primeiro abordagem de resposta, você está apenas configurando-os para falhar. Você poderia tornar a oportunidade tóxica para todos os envolvidos, se eles tiverem que sair com as comunidades e, francamente, não estão felizes em estar lá, isso criará um resultado negativo para o engajamento como um todo.

"Você precisa examinar atentamente o tipo de pessoal e habilidades necessárias para fazer esse trabalho. Apenas levando pessoas que são aposentados e que não tem



anteriores de planejamento ou um fundo de engajamento da comunidade, você pode colocar os dados um pouco sobre o quão eficaz eles serão.

"Uma coisa é entrar em um bairro quando um fogo ainda está queimando; Imagine o quão fácil é para as pessoas serem cooperativas porque vêem um prédio em chamas, e se você é um oficial de fogo e está vestindo um uniforme e dizendo às pessoas o que fazer, todos farão exatamente o que você pede. Se você aparecer cinco dias antes desse incêndio e você começa a dizer às pessoas o que fazer, que eles precisam ter extintores de incêndio e alarmes de fumaça, e as pessoas podem sentir que estão ocupadas ou não é uma prioridade. A abordagem para motivá-los a fazê-lo [usando modelos facilitados de desenvolvimento comunitário] é muito matizada. Você não vai entrar como o cavaleiro em armadura brilhante - você realmente está entrando como a ajuda.

"Você precisa entrar e dar às comunidades recursos e ferramentas reais para alcançar seus objetivos. Indo para as comunidades e preparando todas as pessoas para assumir a liderança na **resiliência dos desastres** e, depois, percebendo que precisam de geradores e bombas e berços e tendas, eles precisam de treinamento e recursos. Se você não tem esses recursos para eles, está deixando a impressão do compromisso real da cidade com eles. Você disse que quer ser um parceiro, mas você não está investindo neles.

"Você precisa investir nos recursos que eles precisam gerenciar por conta própria até você aparecer. Você precisa olhar para algo chamado **Resilient Action Grants**, que é um programa que temos aqui em San Francisco, onde olhamos diferentes modelos de concessão e levamos as pessoas a sair e solicitar esses subsídios, através de orçamentos participativos e outras coisas. Uma vez que esse dinheiro está na mesa, é incrível a quantidade de pessoas que voltarão a uma reunião, se houver \$ 10.000 para gastar. Mas você ficaria surpreso com a quantidade de pessoas que voltarão a uma reunião, se houver US \$ 500 para gastar. Enquanto houver algum recurso na mesa que eles possam usar para alcançar seus objetivos.

"Então, o governo precisa posicionar alguns de seus fundos como uma concessão que a comunidade pode usar para manter as pessoas na mesa para se manter comprometidas, mas também para demonstrar resultados. Quando fazemos o nosso processo de planejamento de **Subsídios de Ação Resiliente** e reunimos as pessoas para criar suas estratégias para a comunidade deles, a verdade é que precisamos garantir que haja financiamento do outro lado para justificar sua participação.

"Você só tem uma chance de fazer as pessoas contar suas histórias e levá-las à mesa. Se você colocá-los através de um processo de planejamento inútil e não orientado a resultados, as chances de devolvê-los à mesa para passar por esse processo novamente são extremamente baixas.

"Um projeto nacional de **Subsídio de Ação Resiliente** seria uma ótima ideia, e uma nova geração de pessoas associadas à **resiliência de desastres** com uma experiência em desenvolvimento comunitário e engajamento da comunidade seria uma grande oportunidade. E então trata-se de elevação e celebração dos sucessos das comunidades".

*Os comentários de Daniel Homsey foram levemente editados por brevidade.*

Você pode aprender mais sobre o planejamento de resposta da comunidade do WREMO <https://wremo.nz/about-us/initiatives/community-response-planning/>

Esta Fundação Scoop financiou as séries investigativas sobre a segurança de nossos cidadãos mais marginalizados durante as catástrofes naturais durante toda a semana. Em seguida: o que aconteceu com as instituições de caridade cuidando de vulneráveis de Wellington após o terremoto de novembro de 2016, quando alguns foram deixados vulneráveis? E mais tarde nesta semana, as preocupações sobre como a mensagem tradicional da Defesa Civil exclui os pobres da preparação - e como as autoridades estão tentando combater o problema.

**FONTE:**<http://www.scoop.co.nz/stories/HL1712/S00041/empowering-communities-to-act-in-a-disaster-can-save-lives-.htm>

## **Emissões de gás carbônico do setor de construção chegaram a 76 gigatoneladas em 2010-2016**

O segmento de construção e edificações precisará melhorar em 30% sua eficiência energética até 2030 para manter o planeta na caminho rumo às metas do Acordo de Paris. É o que revela um novo relatório da ONU Meio Ambiente, divulgado pela Aliança Global do setor no início deste mês (11). Levantamento aponta que essa área produtiva responde por 39% das emissões de gás carbônico associadas ao consumo e à produção de energia.

A pesquisa indica que, em 2016, a superfície de áreas construídas alcançou a marca de 235 bilhões de metros quadrados. Ao longo dos próximos 40 anos, outros 230 bilhões serão erguidos — é como se, até 2060, nós adicionássemos anualmente ao planeta o equivalente à área do Japão. Por semana, construiríamos uma nova Paris.

De 2010 a 2016, o crescimento populacional, o aumento da área explorada pelo setor de construção e a maior demanda por energia provocaram um aumento na procura por eletricidade em edifícios. O acréscimo foi igual ao total de energia consumida pela Alemanha durante o mesmo período.

De acordo com o relatório, o problema com a expansão do setor está no fato de que, ao longo das próximas quatro décadas, dois terços de todos os prédios construídos serão levantados em países onde não há normas obrigatórias sobre uso eficiente de energia. Mais da metade dessas edificações será erguida nos próximos 20 anos.

“Embora a intensidade energética do setor de construções tenha melhorado, isso não foi suficiente para compensar a crescente demanda por energia. Uma ação ambiciosa é necessária sem postergações a fim de evitar o congelamento de ativos em prédios ineficientes, de longa vida, por décadas”, avaliou o diretor-executivo da Agência Internacional de Energia, Fatih Birol.

A intensidade energética é calculada por meio da divisão do consumo total de energia — de um país ou setor da economia — pelo Produto Interno Bruto (PIB) ou, no caso de segmentos produtivos, pela parcela de riquezas por eles geradas. Quanto maior o número, maior a eficiência na utilização de energia.

Segundo a Agência Internacional de Energia e a ONU Meio Ambiente, entidades responsáveis pela pesquisa, essa taxa precisa aumentar em 30%, quando considerado o desempenho do setor de construção e edificações. Os dados mais recentes, porém, indicam que estamos indo no caminho contrário.

De 2010 a 2016, as emissões de gás carbônico do setor aumentaram quase 1% por ano, acumulando um volume de 76 gigatoneladas de CO2 liberadas na atmosfera. As promessas do Acordo de Paris exigirão esforços significativos — o tratado prevê a redução das emissões do setor a um teto anual de 4,9 gigatoneladas.

O incremento de 30% na intensidade energética exigirá quase o dobro dos atuais avanços em performance energética dos prédios já construídos. Melhorias teriam de chegar a mais de 2% por ano até 2030. Isso significa que construções com zero emissão e zero gasto de energia terão de se tornar o padrão global na próxima década.

A taxa de reformas dos sistemas de energia de edifícios também terá de aumentar, passando de 1 a 2% para entre 2 e 3%. Projetos de condicionamento são particularmente importantes em países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde em torno de 65% dos prédios que existirão em 2060 já foram construídos.

Para o diretor-executivo da ONU Meio Ambiente, Erik Solheim, progressos identificados no setor foram muito pequenos em anos recentes e não estão acompanhando a urgência da necessidade de transformações. “Explorar o potencial do setor de edificações e construção exige esforços de todos, em particular para lidar com o rápido crescimento de investimentos em construção ineficiente e intensiva (no que tange ao consumo de carbono)”, disse.

A publicação aponta estratégias para reverter esse cenário. Entre elas, estão a criação de incentivos de mercado para estimular a adoção de modelos sustentáveis; a implementação de códigos e políticas de construção, incluindo programas de certificação e rotulagem; investimentos em larga escala em soluções tecnológicas de baixo carbono; e iniciativas de divulgação de informação e conscientização junto a investidores e gestores.

Como exemplo bem-sucedido de prédio adequado aos imperativos de sustentabilidade, o relatório cita o edifício Edge, em Amsterdã. A construção explora o uso da luz natural e faz uso de energia solar, além de mobilizar tecnologias inteligentes, como sistemas de ventilação automáticos que funcionam por sensor ou por meio de interação com os usuários.

FONTE: <https://www.unenvironment.org/news-and-stories/press-release/buildings-and-construction-sector-grows-time-running-out-cut-energy>



**ONU e parceiros lançam edital para projetos em cidades médias de Argentina e Colômbia**

O [Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos \(ONU-Habitat\)](#), a Federação Latino-Americana de Cidades, Municípios e Associações Municipalistas (FLACMA), a rede Mercociudades, o Fórum Ibero-Americano e do Caribe e a Secretaria de Assuntos Municipais da Argentina lançaram o edital “Cidade+Mais: Convocação para o fortalecimento de projetos de finanças municipais e economia urbana”.

O Cidade+Mais tem como objetivo fortalecer as capacidades econômicas e financeiras de cidades médias de Argentina e Colômbia.

Os vencedores terão a oportunidade de trabalhar em conjunto com especialistas da unidade de finanças e economia urbana do ONU-Habitat, identificando brechas existentes e delineando recomendações para garantir a sustentabilidade e viabilidade dos projetos.

Também serão identificadas boas práticas e referências internacionais que possam servir de inspiração dentro do contexto de cada iniciativa. A convocação também verifica meios de assegurar a execução dos projetos, examinando seu potencial de gerar crescimento econômico. O prazo para se candidatar é 10 de junho para cidades colombianas e 20 de junho para cidades argentinas.

O edital busca identificar projetos em curso que queiram fortalecer suas capacidades econômicas e financeiras para apoiar sua implementação. A iniciativa recebe o apoio técnico e financeiro do Ministério de Fomento da Espanha.

Podem participar cidades médias colombianas e argentinas que tenham de 100 mil a 1 milhão de habitantes.

Os dois países foram selecionados para aproveitar o potencial dos Fóruns Urbanos Nacionais, um espaço que proporciona intercâmbios com diversos atores sobre os desafios e oportunidades da implementação da Nova Agenda Urbana e do **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 11 (ODS11)**, que prevê tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, **resilientes** e sustentáveis.

Os projetos devem seguir os princípios da Nova Agenda Urbana e demonstrar, por meio de respostas a um questionário, como o ONU-Habitat pode dar um valor diferenciado ao projeto.

Um representante da entidade vencedora de Argentina e Colômbia também será convidado a participar do Fórum Urbano Nacional organizado em seu país para expor as oportunidades de intercâmbio. Os projetos não apenas servirão de insumo para publicações da agenda, como também serão parte de uma rede de intercâmbio com outras cidades.

Participe, inscreva seu projeto em <http://bit.ly/ciudadmas>.

**FONTE:** <https://es.unhabitat.org/wp-content/uploads/sites/11/2017/06/Convocatoria-CiudadMas-Base.pdf>

## **INFORMAÇÕES**

### **PROMOTOR BRASIL**

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

### **CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO**

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

### **INFORMATIVOS UNISDR**

<http://www.eird.org/camp-10-15>

### **PREVENTIONWEB**

<http://www.preventionweb.net/english/>

### **SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL**

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>

### **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE DESASTRES - PARANÁ**

<http://www.ceped.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>

### **COORDENADORIA ESTADUAL DE DEFESA CIVIL SP**

<http://www.defesacivil.sp.gov.br/>

### **SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL – RIO DE JANEIRO**

<http://www.rj.gov.br/web/sedec/exibeconteudo?article-id=4173185>

### **COORDENADORIA ESTADUAL DE DEFESA CIVIL DE MINAS GERAIS**

<http://www.defesacivil.mg.gov.br/index.php/ajuda/page/280-programa-minas-mais-resiliente-edital-de-chamamento-publico-n-01-2016-resultado-de-analise-das-propostas>